

## REVISTA MALALA N. 5 - COMO O ISLÃ LIDA COM SEUS CRÍTICOS (INTERNOS E EXTERNOS)?

Peter R. Demant

Ariel Finguerut

Na **Revista Malala** n. 5 iniciamos um debate que não se restringe apenas a esse número nem à nossa revista: a *crítica ao islã*. Tanto em estudos científicos quanto em discussões políticas e expressões artísticas, esta geralmente foca três grandes temas: (1) a relação entre o islã e os não muçulmanos, (2) islã e mulheres, ...e (3) violência. Outros lidam também com questões ainda mais fundamentais, tais como a origem e o status do alcorão (palavra divina imutável ou produto histórico e por esse motivo, religião reformável?) e a biografia do profeta (figura intangível ou criticável?). Hoje estes temas são tratados com um tabu por muitos dentro mundo muçulmano. A crítica à mais jovem das religiões monoteístas e segunda maior fé no mundo, de seus princípios, práticas, desde da história de Maomé até nossos dias, venha ela de não-muçulmanos ou dos próprios fiéis, é legítima ou ilegítima? E se legítima, até que ponto?

Estamos aqui lidando com o confronto entre dois direitos: liberdade de expressão que sempre envolve o risco de ofender grupos religiosos e o direito de se sentir ofendido e zelar por sua honra, liberdade religiosa e a combater à discriminação e discursos que fomentam ódio e preconceito; ambos são direitos jurídicos consolidados no ocidental e próprios a conceitos mais amplos como Democracia e Direitos Humanos.

Embora possam soar um tanto abstratos, esses temas têm implicações gravíssimas e de grande atualidade, não só no mundo muçulmano mas também mundo afora. Terroristas jihadistas, ontem em Bagdá ou Beirute mas hoje também em Londres e Boston e Paris não são “psicopatas” ou “niilistas procurando matar por matar”. Com visão de mundo e militância e financiamento internacionais eles se baseiam na *sua* própria leitura de fontes islâmicas sagradas para produzir uma luta global “em nome do islã”. Seus opositores dentro do islã tentam se organizar e rejeitá-los principalmente em

termos cívicos e no debate intelectual. Coloca-se aqui a pergunta crucial: a violência teologicamente justificada oriunda do mundo muçulmano deriva da própria essência da religião? Ou de fatores externos aleatórios que tomam como refém a “religião da paz”? O debate, incendiário de antemão, não é travado apenas com palavras pois o embate vai muito além de uma vitória ou derrota intelectual. O time editorial de “Malala” não poderia se isentar da polêmica.

Os autores desse número muitas vezes discordam sobre o status da crítica, seu papel e sua motivação apresentando perspectivas e respostas diferentes, mas todos são contundentes e apontam para a necessidade do debate, da troca de ideias e da possibilidade de, pelo diálogo e debate, superarmos preconceitos e produzirmos novas ideias, interpretações e conhecimento sobre o islã e o mundo muçulmano. Trata-se sem dúvida de um caminho difícil, mas ao mesmo tempo fundamental para todos nós que – direta ou indiretamente – estamos envolvidos com estudos, pesquisas e docência relacionados a esse campo.

Abrimos esse número com um poema sobre a burqa de **Amitabh Vikram Dwivedi**, que nos ajuda a lembrar da responsabilidade de fazermos uma Revista multidisciplinar que homenageia em seu nome a jovem paquistanesa Malala Yousafzai – uma muçulmana que não se sente constrangida em defender e debater questões que passam pela emancipação da mulher.

Na entrevista desse número, o escritor, jornalista e professor universitário turco **Mustafa Akyol** faz um panorama dos temas que afetam o debate ocidente/islã discutindo temas como apostasia, blasfêmia e o impacto de ideias como orientalismo e ocidentalismo sobre pesquisadores. Akyol comenta também sobre uma possível abordagem mais liberal para a teologia islâmica.

**Peter Demant** discute em seu ensaio representações e crítica do islã. Com foco nos debates a partir do curta metragem anti – islâmico, de 13 minutos, *Innocence of Muslims* de 2012, o autor discute as ideias e os pontos centrais que nos dão pistas para entender manifestações de repúdio a representações consideradas ofensivas ao Islã. Demant destaca em particular a complicada diferenciação entre crítica a religião e as manifestações ofensivas. Os desdobramentos desta questão motivaram ataques ao jornal satírico francês Charlie Hebdo no começo de 2015 e os recentes ataques terroristas em Paris. Já **Magno Paganelli** refaz o caminho dos críticos ao islã buscando entender quais são os pontos e argumentos que aparecem no debate. O autor trata das

críticas que muçulmanos recebem em diferentes campos, da teologia cristã à relação com o Ocidente.

Na Sessão de artigos, **Adrián Albala e Aline Burni** discutem a ascensão do partido francês *Front National*, em ressonância com a extrema-direita é a luta contra a suposta “islamização” da França. Trabalhando com fontes, pesquisas de opinião os autores argumentam que a percepção de ameaças diante do islã é muitas vezes superestimada e manipulada. O ataque ao Charlie Hebdo apenas agravou tal situação. **G.R Nuei e Shah** fazem uma análise de fontes xiitas modernas sobre como condenar ou reforçar condenações de apostasia, um dos temas mais sensíveis nas críticas ao islã. **Diego Balassiano Dominguez** expõe a partir de conceitos de guerra assimétrica e de terrorismo sob a ótica da disciplina de Relações Internacionais um olhar crítico sobre o papel do Hamas na morte de civis palestinos durante o confronto com o Estado de Israel em 2014.

Na sessão de resenhas, **Natalia Nahas Calfat** discute o terrorismo jihadista que assola o continente africano. Baseando-se no filme *Timbuktu* (2014) de Abderrahmane Sissako, traça um panorama histórico da situação no Mali e discute a representação do jihadismo neste filme. Discutindo o livro *Submissão* do romancista francês Michel Houellebecq (2015), dois autores apresentam resenhas com abordagens distintas. Um pouco ao estilo *J'accuse* de Zola, **Danilo Guiral Bassi** desvela as ideias orientalistas e islamofóbicas que permeiam a obra de começo ao fim. O autor alega que – antes mesmo de escrever o livro – Houellebecq já apresentava ideias preconceituosas em relação aos muçulmanos que o livro em questão apenas corrobora. Já **Eliceli Katia Bonan** faz um debate mais amplo, discutindo como Houellebecq traduz certo *espírito francês* e o coloca como intérprete dos medos, anseios e das consequências da política contemporânea francesa entre ficção e realidade, dentro de uma tradição literária que remete a clássicos modernos como George Orwell e Salman Rushdie.

Na sessão de debates, propomos três eixos: primeiramente um olhar para **os temas internos**, como apostasia, blasfêmia e o papel das mulheres. Nesse ponto, **Maged Gebaly** chama atenção para o fato que terroristas de inspiração fundamentalista islâmica atacaram não só o Charlie Hebdo, mas que com mais gravidade, houve ataques prévios e ainda em curso contra intelectuais muçulmanos democráticos e reformistas. Gebaly discute o ataque ao jornal satírico em diálogo com intelectuais principalmente marxistas, mostrando as causas econômicas e diretamente relacionadas à ordem

capitalista neoliberal e explica como esse contexto nos ajuda a entender também a ascensão e o discurso político ideológico do Estado Islâmico (ISIS). Já **Youssef Cherem** faz uma síntese do debate brasileiro que se sucedeu aos atentados ao Charlie Hebdo entre intelectuais especialistas em islã e Oriente Médio. O autor aponta para falhas argumentativas e leituras precipitadas entre estes especialistas que acabam caindo em respostas simplistas, ignorando temas complexos. Explicar as motivações dos ataques pela opressão capitalista (uma explicação sócio-econômica) leva esse debate a ignorar a motivação e o próprio discurso ideológico e implicitamente relacionado com o discurso e a fundamentação religiosa muçulmana. Para Cherem os ataques ao Charlie Hebdo levam a outro debate: *como o islã se relaciona com o Estado laico e com o espaço público secular* no qual, em suas palavras, Maomé não seria nem mais nem menos importante do que outros como Jesus, Buda ou Joseph Smith.

Um **segundo eixo** do debate foca **temas externos**, como islamofobia, ascensão da extrema-direita, a intolerância religiosa, e os desafios das ideologias políticas tradicionais diante do islã. Nessa linha, **Francirosy Campos Barbosa** argumenta haver no ocidente uma incompreensão diante do islã. Para a autora quem critica o islã não o conhece. Acredita que o mundo muçulmano por meio de seus próprios intelectuais deveria criar um contradiscurso para combater a crítica infundada que, segundo a autora, fomenta a intolerância. Já **Sahin Alpay** considera o ocidente - que terroristas islâmicos querem destruir - como um bastião decisivo para os valores da civilização. Mas, o islamismo radical também estimula contrarreações essencialistas e assim, a autora vê semelhanças entre o antissemitismo de ontem e a islamofobia de hoje.

Por fim, nosso **terceiro eixo** discute **liberdade de expressão**. **Derek Beres** discute os riscos emocionais e psicológicos de uma geração politicamente correta que pouco tolera ideias que lhe chocam ou que lhe soam incompatíveis. Uma geração de jovens ansiosos que está perdendo o humor e, muitas vezes, se isolando e perdendo amigos, manipulados por um discurso majoritariamente de esquerda que anseia por um ambiente universitário supostamente sem preconceitos ou discriminação. **Segâh Tekin** lembra que o islã carrega em seu bojo os ideais de autoconhecimento, justiça, compaixão e respeito ao outro. A autora alerta para um fenômeno contemporâneo que é *a perda da empatia*. A fragilidade que cerca a discussão sobre a liberdade de expressão poderia assim ser uma consequência desse fenômeno de falta de reflexão num mundo onde estamos mais próximos, mas, ao mesmo tempo, contraditoriamente também mais

isolados e mais narcisistas. Assim, basta um passo em falso para ofendermos alguém ou nos ofendermos com tudo e com todos.